

TAMBUVA Live

À Biblioteca Pública de Braga

25
DEZEMBRO
1971

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

Honrosa Presença

Pois não há que negá-lo! Portugal, mercê da sua correcta atitude, da sua nobre e sã conduta no plano político internacional, e ainda da boa ordem social que, com raras excepções, reside no temperamento das suas gentes pacíficas e respeitadoras, desde os mais altos governantes, sempre de reconhecida dignidade nas medidas que adoptam, até ao mais humilde dos habitantes, Portugal, dizíamos, vai gradualmente atingindo crescente prestígio, sobretudo entre aqueles Estados conscientes, de amplas visões e responsabilidades no concerto mundial.

Vem este exórdio a propósito do histórico encontro em território português dos chefes supremos de duas das maiores nações no potencial político internacional: os Estados Unidos da América e a França.

Referimo-nos, claro, à entrevista Nixon-Pompidou na Ilha Terceira. Temos de reconhecer que foi uma opção para nós muito honrosa a que os nossos ilustres hóspedes tomaram ao escolher

uma terra açoriana para a sua importante reunião, de cujos resultados esta desvaivada época em que vivemos muito, porventura, poderá vir a beneficiar.

E para o nosso País? Quais as vantagens que daí advirão? Múltiplas e consideráveis, a breve ou longo prazo, e entre as quais avultam desde já:

Primeiramente, e independentemente da confiança que os dois visitantes em nós

depositam quanto à segurança das suas pessoas, proporcionou-nos o excepcional ensejo de o Prof. Marcello Caetano, na sua qualidade de anfitrião, se avistar com tão eminentes individualidades, na nossa casa, e com elas debater, sem dúvida, alguns assuntos de mútuo interesse no campo diplomático. O que não será de menor importância.

Em segundo lugar, e por-

(Continua na 4.ª página)

PROF. MARCELLO CAETANO:

«Encaramos confiadamente o futuro, mas na certeza de que não temos, para isso, de trocar a alma».

«Posso afirmar que são as melhores as relações entre os Governos de Portugal e dos Estados Unidos» — declarou o Presidente do Conselho português prof. Marcello Caetano, ao proferir, através da Rádio e da Televisão, uma das suas habituais co-

municações ao país, designadas por «conversas em família».

Entre outras foram estas algumas considerações do Chefe do Governo:

Horas antes de ter início a reunião da ilha Terceira, o ministro dos Negócios Estrangeiros português e o secretário de Estado norte-americano concluíram, em Bruxelas, por troca de notas, um duplo acordo acerca da utilização do aeroporto das Lajes pela Força Aérea dos Estados Unidos e da assistência económica deste país a Portugal.

Esses acordos vieram rematar longas e difíceis negociações entre os dois países.

Como é sabido, no final da última guerra o Governo português, correspondendo a um pedido formulado pelo Governo britânico ao abrigo dos tratados da aliança anglo-lusa, permitiu a utilização, pela aviação das Nações coligadas entre o Eixo, de uma base aérea nos Açores.

damente o conferencista. «Exodo rural, emigração e povoamento do Ultramar».

O trabalho apresentado subordinado ao tema, que prendeu a atenção da selecta assistência, foi realmente notável não só pelos dados estatísticos e históricos do nosso Ultramar, os reflexos económicos e sociais no continente e ultramar da emigração

(Continua na 3.ª página)

(Continua na 4.ª página)

SEMANA DO ULTRAMAR

Conferência do dr. Abel Fernandes Prieto

Integrada no Ciclo de Conferências da Semana do Ultramar e promovida pela Casa do Povo da Feira Nova, sob o patrocínio da Missão de Acção Social de Braga, proferiu no salão nobre da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo, conferência o senhor dr. Abel Fernandes Prieto.

Presidiu o senhor dr. Paulo Macedo, Presidente da Câmara, que era ladeado pelo Ex.mo senhor dr. Dionísio Araújo, Chefe da Missão em Braga e pelo Rev. Padre Albino Fernandes Alves, pela Acção Nacional Popular.

Abriu a sessão o senhor dr. Dionísio Araújo, que agradeceu à Casa do Povo da Feira Nova a iniciativa desta sessão e disse da importância de que se revestem os nossos problemas do Ultramar, apresentando segui-

A Direcção e Pessoal gráfico deste Semanário deseja a todos os assinantes, colaboradores e amigos, um Natal Feliz e Próspero ANO NOVO.

ODE VESPERTINO DO NATAL

Eu li a tua carta, amigo amado.
Meus olhos ainda conservam a luz
e, através da minha voz
tu verás todo o meu rincão sagrado
de côres tão doidamente azuis,
de rios tão sonoros, tão cantantes,
correndo mansamente, sobre escolhos.

A minha voz, meu fado,
será a luz dos teus olhos!
E verás a tua casa de janelas verdes
e sentirás o aroma da roseira
que está subindo, preguiçosa, pelo muro,
assim como a saudade, rosa trepadeira,
se encosta pelos muros da tua alma.

E lembrarás os teus sonhos antigos
sobre o futuro
que sonhavas no tempo em que a vida era calma
e pensavas que todos os homens
eram teus amigos...

AMIGO: — a carta diz ainda
que as rosas estão brotando
e, na quietude da tarde linda,
há asas brilhantes, voando, voando...

Não houves na minha voz o dobre dos sinos
da igreja pequena?
Eles estão tocando antigos hinos
e o som quebra a solidão da tarde serena.
Era nessa igreja, sonhando
que pensavas em casar, um dia,
com a menina formosa e sadia
que viveu a teu lado.

Agora, aquelas mãos finas e suaves,
que estariam bordando o enxoval,
movem-se como inquietos gestos de aves
costurando agasalhos que outras mãos
distribuirão pelo NATAL...

Amigo amado:
Sei que tu perguntas, revoltado,
por que foi que a desgraça te escolheu
— tu, que nunca fizeste mal!
E existe tanta gente
que não sofreu
a quem a grei feriu directamente...

Mas, mesmo assim,
sobre a cabeça culpada, do teu inimigo,
faz com que num gesto largo,
caia de tuas mãos generosas
o perdão sem arrogância
que o teu sofrer, há-de ser menos amargo,
que serão tuas horas menos dolorosas.

Perdoa, meu «rapaz»,
que Jesus, também perdoou...
— Oh! doce RABI das agonias,
éras um HOMEM capaz...

O resto, são fantasias
que tudo o vento... levou.

ÁLVARO DE CARVALHO



EDITAL

RECENSEAMENTO ELEITORAL

José Alves Coelho de Azevedo

Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Amares

Faz saber, nos termos e para os efeitos do artigo 10.º da Lei n.º 2015, de 28 de Maio de 1946, que as operações do recenseamento dos eleitores da **ASSEMBLEIA NACIONAL** para o ano de 1972, terão início em 2 de Janeiro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

Dentro do referido prazo, todos os cidadãos com direito a voto nos termos da Lei n.º 2137, de 26 de Dezembro de 1968, poderão requerer a sua inscrição ao presidente da Comissão Recenseadora do Concelho, por intermédio da Comissão de Freguesia da sua residência.

Do requerimento, escrito pelo interessado, deverá constar, além do nome completo, a data do nascimento, filiação, estado, profissão, habilitações literárias e residência.

São eleitores:

— Todos os cidadãos portugueses, maiores ou emancipados:

1.º — Que saibam ler e escrever português e não estejam abrangidos por qualquer das incapacidades previstas na lei;

2.º — e os que, embora não saibam ler nem escrever português, tenham já sido alguma vez recenseados ao abrigo da Lei n.º 2015, de 28 de Maio de 1946, desde que satisfaçam aos requisitos nela fixados.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

a) — Pela exibição do diploma de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia;

b) — Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;

c) — Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com a autenticação por meio de selo branco ou a tinta de óleo da Junta de Freguesia;

d) — Pelos verbetes enviados pelas repartições ou serviços a que se refere a alínea a) do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 396/71.

Não podem ser eleitores:

1.º — Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;

2.º — Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notoriamente reconhecidos como dementes embora não estejam interditos por sentença;

3.º — Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados;

4.º — Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado, enquanto não houver sido expiada a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;

5.º — Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;

6.º — Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de 5 anos;

7.º — Os que professam ideias contrárias à existência de Portugal como estado independente e à disciplina social;

8.º — Os que notoriamente careçam de idoneidade moral;

9.º — Os que não saibam ler e escrever português e não tenham sido antes de 26-12-1968 incluídos no recenseamento;

Para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicado em jornais deste concelho.

Paços do Concelho, 17 de Dezembro de 1971.

O CHEFE DA SECRETARIA,

JOSÉ ALVES COELHO DE AZEVEDO

TRIBUNA do CONCELHO

Notícias do Concelho

O dia da árvore foi comemorado em todo o país. Instituído pela Secretaria de Estado da agricultura, retomando uma tradição interrompida, o Ministério da Educação Nacional compreendeu o seu interesse e a sua necessidade para chamar a atenção especialmente às crianças de instrução primária o respeito que nos devem merecer a árvore e a floresta não apenas como bens materiais indispensáveis à vida da humanidade, mas também como factores económicos de grande importância na vida Nacional. O Pinhal do Rei, na caparica, foi o primeiro ensaio efectuado no país com a presença das crianças das escolas, do Secretário de Estado de Agricultura e de muitos assistentes adultos que louvaram a iniciativa do Ministro por ter retomado uma tradição que não devia ter sofrido tão longa interrupção por termos por todo o país tantos recintos escolares completamente despresados e a comprometer os zeladores dos bens Nacionais. Não há muito tempo, nestas colunas, chamei a atenção de quem de direito sobre o estado despresável de muitos recintos escolares quando no meu tempo, sem escolas nem recintos, a festa da árvore era acarinhada e serviu-me para aprender muitas coisas que os livros não podem ensinar.

É natural que os recintos que eu deplorei vêr nesse estado no concelho de Amares passem a ser verdadeiros jardins da infância que continuará desvalida se não houver quem olhe por ela. Que sigam o exemplo da Caparica e as ordens do Ministro da Educação Nacional os professores primários, os mais sacrificados, mas os mais dignos de respeito da nação que confia esses valores esperando que saiam dessas escolas já aptos a saberem o valor da árvore e da forma como ela é plantada para produzir madeira e saborosos frutos que as crianças podem aproveitar com alimento, nas escolas ainda faltam cantinas e até calor no ambiente interno para que o sangue não arrefeça e o ânimo não desapareça.

* * *

O girasol produz um óleo comestível de grande cotação por ser considerado salutar. Além de flôr ornamental muito bonita, essa planta muito adaptável na nossa região aonde se tem cultivado em escolas reduzida à contemplação, dá o óleo que virá substituir o azeite que

se tornará caríssimo se não for auxiliado pelos óleos como seja esse e o do amendoim que importamos das províncias ultramarinas principalmente da Guiné. A C. U. F. insiste na plantação e pede com interesse se dirijam a essa grande Empresa para saberem da cotação desse produto e da garantia da sua colocação. Portanto quem semear girasol tem dinheiro em caixa porque na C. U. F. pode-se confiar. Já fizemos uma pequena experiência mas as sementes foram para os coelhos. Assim não podia continuar a semear girasol. Mas vejo que estamos na presença de um auxílio substancial à lavoura através da cultura do girasol pela garantia da colocação da semente e de um preço que não seja mais uma experiência para um fracasso em que vive o lavrador pela falta de valorização dos seus produtos em relação ao custo de vida e dos salários actuais de alguns jornalheiros que ainda aparecem porque a idade já lhes não permite folias nem digressões.

Termino dizendo que o mal da lavoura está somente na falta de rectificação de preços e de garantia de colocação dos produtos agrícolas. Mas nenhum economista dos que tem passado pelo Terreiro do Paço concorda em esta solução prática de um problema que enterra de vés a lavoura Nacional se assim não for resolvida.

Declarações do Presidente Nixon nos Açores

«Como Californiano, tenho orgulho de que o meu estado natal tenha sido descoberto por um português — o navegador Cabrillo» Colombo e Corte Real não podem ficar no tinteiro quanto ao resto da grande nação Portugal está na América do Norte como está no Brasil. A sua presença foi apenas obscurecida pela Inglaterra. Dighton deixou esclarecido quem foram os verdadeiros descobridores desse imenso Continente. Há quem diga que o sangue que corre nas veias do ilustre Presidente dos E. U. é Açoriano. O que é que querem mais os portugueses descontentes com a sua «humilde» descendência?

* * *

Chegou do Canadá o assinante da Tribuna sr. Francisco Pinheiro, natural de Rendufe, veio encantado pelos sucessos obtidos com a sua permanência nessa famosa

Aniversários

Fazem anos:

Amanhã, o sr. José Bento Antunes.

No dia 27 o sr. António Bernardino Barbosa de Macedo.

No dia 29 a Menina Maria da Glória Russell.

No dia 31 o sr. Alberto José de Macedo Gonçalves e o sr. Dr. Carlos Teixeira de Sousa.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes muitas felicidades e faz votos de longa vida.

Mensagem do Soldado João Manuel Pereira Fernandes

Encontrando-se em Angola em defesa da pátria o Sold. João Manuel Pereira Fernandes, natural de Goães, Amares, deseja a todos os seus familiares, amigos e madrinha de guerra BOAS-FESTAS E UM ANO NOVO CHEIO DE PROSPERIDADES.

À sua falecida avó, deseja o eterno descanso no reino do Senhor e compartilha com toda a família e amigos a dor da sua perda.

Semana do Ultramar

Conferência do dr. Abel Fernandes Prieto

(Continuado da 1ª página)

actual, as emigrações através dos séculos, principalmente nos períodos das maiores convulsões internacionais, mas também pelas referências à importância do Ultramar com vista à sua potencialidade económica.

Encerrou a sessão o senhor Presidente da Câmara que agradeceu a iniciativa da Casa do Povo e à Missão de Accção Social, na pessoa do seu chefe, e enalteceu o trabalho do conferencista, laborioso e profundo na sua apreciação genérica.

terra. Dessa poderosa e pacífica Nação que tem a defendê-la o bem que faz aos Europeus excedentes com qualidades apreciáveis de talento que só lá puderam experimentar. Foi recebido com alvoroço pelos familiares e amigos porque veio despido de vaidades mesmo dentro de um bom automóvel que conduzia que trocou pelo carro de bois quando era caseiro de terras a ensaiar-se para a mendicidade no fim da vida se cá tivesse de acabar.

Elísio Gonçalves

As Festas a S.ta Luzia



É já amanhã, Domingo, dia 26, que se realizam as tradicionais festividades em honra de S.ta Luzia.

O local, muito beneficiado com a excelente estrada e alargamento do recinto fronteiro ao Templo, muito tem contribuído para a expansão destas tradicionais e típicas festividades.

Como é a última romaria do ano no Concelho, o largo torna-se pequeno para comportar tanta gente.

Aquecedores a Gás

Infra - Vermelho «porta - garrafas»

990\$00

Um presente «GÁS MOBIL»

Em: A. Ramos & C.a L.da

Feira-Nova — Amares Telef. 62155

Ou: Agência Central GÁS MOBIL Rua do Castelo, 63 - Telef. 23256 — Braga

A China espera, mas até quando?

— Na frente oriental o comandante-chefe das forças paquistanesas capitulou, e em Washington, o informador oficial da Casa Branca declarou que o conflito indostânico é susceptível de «afectar» as relações entre os Estados Unidos e a União Soviética... ameaça que por certo não impressionaria excessivamente o Kremlin, se não houvesse também a China.

Quanto a esta, exceptuando o facto de ter alinhado com os Estados Unidos, no Conselho de Segurança, é de estranhar, porém, a sua passividade.

Verdade seja que nesta época do ano estão cortados pela neve quase todos os desfiladeiros que permitem aos chineses o acesso à Índia, o que impedirá Pequim de fazer deslocar as suas grandes massas de infantaria. Ora o poder ofensivo do Exército chinês consiste quase inteiramente — como se viu na Coreia e como se viu nos Himalaias, depois — na mobilidade, na agressividade e no espírito de iniciativa da sua infantaria. Mas a passividade poderá talvez explicar-se também por um motivo de ordem não meteorológica: tem-se escrito (sobretudo nos Estados Unidos) que está em curso, orientada pelo próprio Mao Tsé-Tung, uma profunda depuração nas Forças Armadas. Depuração de que teria sido vítima o próprio «delfim» Lin-Piao. Ora, se assim é, psicologicamente o momento não se prestava para lançar essas forças numa batalha — e porventura foi por isso mesmo que, a conselho dos russos, escolheram os indianos esta altura para o seu desde há muito planeado ataque ao Paquistão.

Outra explicação para a passividade chinesa poderá ser de carácter estratégico-político.

Já navega nas águas do golfo de Bengala um porta-aviões norte-americano e já se afirma em Washington que o auxílio dos russos à Índia, em armas, longe de haver sido suspenso, está, pelo contrário, a aumentar. Ora, quanto mais os russos e os norte-americanos se comprometerem reciprocamente no conflito indostânico, mais a China lucra em esperar... ou não fosse a paciência uma virtude especificamente oriental.

Por maior que sejam o número e o volume das vitórias que os indianos estão a coleccionar contra adversários invariavelmente muito mais fracos, o imperialismo de Nova Delhi caminha, de olhos vendados, para o inevitável e trágico desastre final: não se torna uma grande potência quem quer, por menos escrupulosa ou mais cínica que seja a política dos seus dirigentes.

Acabo de regressar da Ilha

Terceira — só jornalistas estivemos lá uns quinhentos... — e julgo poder pensar que Nixon e Pompidou, por mais preocupados que estivessem com as questões do dólar e do realinhamento monetário, não deixaram também de prestar as suas atenções ao que de inquietante oferece aos nossos olhos de ocidentais o espectáculo do conflito indostânico.

O ponto de divergência entre os dois Presidentes teria estado apenas, ao que parece, em que Nixon julga ser ainda possível persuadir os russos a cooperarem com os Estados Unidos e com a China, no Conselho de Segurança, para o restabelecimento da paz na península indostânica — e Pompidou é de opinião que nesse domínio quanto se faça está irremediavelmente destinado a malograr-se e só contribuirá, afinal, para aumentar o desprestígio em que se afundaram as Nações Unidas... Desprestígio que será maior ainda, desprestígio que

será mesmo Conselho de Segurança, transformado em palco de comédia, a mesmíssima resolução em que se pedia tréguas aos beligerantes e que os próprios russos vetaram, quando apresentada pelos norte-americanos... e o agressor não entrara ainda, vitorioso, em Dacca.

Em Angra do Heroísmo falou-se também, e muito, naquela outra paz por que todos esperamos — a definitiva; mas para o Ocidente já será meio triunfo conseguir que os canhões continuem a fazer-se ouvir longe das fronteiras da Europa.

Entretanto, cada vez se torna mais evidente que é a Portugal, na sua atitude quanto à ONU, que a razão assiste — aquela razão que resultou, implícita, das palavras proferidas por Marcello Caetano no brinde do banquete em honra dos dois Presidentes, no Palácio dos Capitães-Generais.

HONROSA PRESENÇA

(Continuado da 1.ª página)

que estamos em plena campanha de promoção turística, salienta-se a projecção do nosso belo arquipélago, no tempo e no espaço, pela propaganda, intensa propaganda, que um verdadeiro exército, algumas centenas, de representantes dos órgãos de Informação — jornalistas da Imprensa, da Rádio e da Televisão, sem excepção dos documentaristas do Cinema — não deixarão necessariamente de fazer, não só pormenorizando a conferência Nixon-Pompidou, como, também, destacando o enquadramento em que ela se processou: as belezas locais, a soberana tranquilidade em que tudo decorreu e a natural e amável recepção que a todos foi feita, assim como a afabilidade das populações para com os hóspedes que nos honraram com a sua presença.

Dadas as carências para tal emergência, por inesperada, houve que pôr de pé todo um complexo de serviços técnicos e de hospedagem para enfrentar, com êxito, esta verdadeira e amigável «invasão» que permitirá aos visitantes indentificarem-se com uma parcela, minúscula mas elucidativa, da realidade portuguesa. E tudo, deve acentuar-se por ser de justiça, decorreu sem perturbações de qualquer espécie, muito embora o esforço de planificação a que fomos obrigados.

Durante algum tempo toda

a Imprensa mundial e as emissoras da Rádio e da TV, mesmo aquelas que pressionadas por noções erradas se nos têm mostrado hostis, falarão de Portugal, dos Açores, da Terceira, e serão forçadas a realçar a maneira acolhedora como todos foram recebidos — e, mais, sem que para a segurança completa e pessoal dos ilustres visitantes se tornasse necessário às autoridades portuguesas recorrer a recursos policiais, que noutros países, que conhecemos, mobilizariam consideráveis forças de protecção.

Estamos convictos de que não será esta a última vez que as nossas terras serão tablado de encontros semelhantes, pois para tanto dispomos de reais condições e, sobretudo, duma vontade indesmentível de sermos úteis e de contribuir, na medida das nossas possibilidades, para um maior entendimento entre os povos. Portanto para a paz mundial.

Isso sem embargo das intrigas, dos atentados ao Direito, das atoardas malévolas e das falsidades de que temos sido vítimas e que certos Estados, de suspeita posição, ainda continuam a manifestar em relação a nós — e de que os membros da descalabrada O.N.U., com algumas dignificantes excepções, são receptáculo ultra-interessado na manutenção de caóticas situações.

Prof. Marcelo Caetano: «Encaramos confiadamente o futuro, mas na certeza de que não temos, para isso, de trocar a mão»

(Continuado da 1.ª página)

Finda a guerra, a base continuou a ser utilizada pela aviação americana, nos termos de um tratado então celebrado entre Portugal e os Estados Unidos. Essa utilização foi sempre gratuita — isto é: não constitui uma operação comercial, não é permitida em troca de pagamento de uma renda ou coisa que o valha: o tratado é um acto político onde se reconhece a solidariedade de interesses entre os dois países e é em nome dessa solidariedade que pomos à disposição dos nossos amigos americanos, agora também aliados, um instrumento de acção.

«Não é pagamento: é reciprocidade»

O acordo firmou-se por períodos limitados, que foram sucessivamente renovados: a última renovação data de 15 de Novembro de 1957 e foi por cinco anos. Ao expirar este prazo, em 1962, não houve renovação. O Governo português consentiu, porém, que a Força Aé-

rea dos Estados Unidos continuasse a usar a base enquanto não se resolvia a situação.

O Governo português, ao contrário de outros países que cederam bases aos Estados Unidos, não exigiu, como disse, pagamento por esse facto. Mas entendia que, fazendo isso na base de um entendimento amistoso entre os dois países, tinha o direito de esperar da outra parte um comportamento que correspondesse a tal espírito. Ora a seguir aos primeiros sinais de subversão em Angola a Administração norte-americana tomou uma atitude ostensivamente hostil a Portugal. Muitas pessoas se lembrarão ainda das declarações que contra o nosso país andou a fazer em África um membro do Governo norte-americano cujo nome não ficou célebre na política, mas é conhecido por figurar na marca de um creme de barbear.

A presença dos norte-americanos nas Lajes foi-se assim prolongando, sem tratado que a autorizasse e que definisse as obrigações e os limites da utilização do aeródromo. Isto não me parecia bem e logo que assumi o Governo resolvi atacar a questão.

Dificuldades internas da política norte-americana atrasaram as negociações. Por outro lado, se é certo que estamos dispostos a manter a gratuidade da base dos Açores parecia-nos justo que, deuto do espírito da aliança e cooperação em que essa gratuidade era consagrada, houvesse da parte dos Estados Unidos uma atitude colaborante na resolução dos problemas da nossa vida económico e social. Não é pagamento; é reciprocidade. Nós ajudamos os Estados Unidos segundo as nossas possibilidades; é justo que os Estados Unidos nos ajudem a nós dentro das suas.

2.ª Publicação 25/12 71


Tribunal Judicial da Comarca
— DE —
AMARES
ANÚNCIO

Pela Secção de Processos da Secretaria Judicial desta comarca, correm éditos de VINTE DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado DOMINGOS MACHADO PEREIRA, casado, residente na cidade de Benguela, Caixa Postal n.º 866, Província de Angola, para no prazo de DEZ DIAS, posterior àquele dos éditos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução movida por Manuel Joaquim Brandão, casado, actualmente residente em França.

Amares, 25 de Dezembro de 1971

O Juiz de Direito

Alfredo Jaime Menéres

O Escrivão,

Guilherme José da Silva

Visado pela Censura

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção